

Hortifrutis

Preços ainda altos

Especialistas dizem que consumidor deve pagar caro pelas hortaliças por mais 20 dias

ELENI DESTRO
Especial para a Gazeta

A estiagem nos meses de janeiro e fevereiro ainda vai refletir no bolso dos consumidores de hortifrutis por pelo menos 20 dias. A retomada da produção já começou, mas nos supermercados, varejões e hortas isso não pode ser notado pelas donas de casa, que pagam R\$ 3 ou mais pela alface e mais de R\$ 12 por um quilo de vagem. Muitos dos produtos, além de caros, não são de boa qualidade.

O tomate, que chegou a custar R\$ 9,90 no ano passado, e virou artigo de luxo, não está longe dessa marca e já ultrapassa os R\$ 7 o quilo em alguns supermercados e varejões. A vagem é uma das campeãs na alta dos preços: anteriormente estava em "oferta" por R\$ 12,49 o quilo em um supermercado da Vila Rezende.

A estiagem fez disparar até o preço do chuchu, discriminado por muitos pela falta de sabor, que custa hoje até R\$ 6 o quilo.

Francisco Ernesto Guastalli, diretor do Departamento de Abastecimento da Sema (Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento), culpa a estiagem prolongada e atípica e a baixa oferta de produtos pela alta nos preços. "Os principais aumentos no período compreendido entre 7 de fevereiro a 7 de março ficaram com tomate (123%); vagem (179%); abobrinha Brasil (96%); alface (45%), repolho (62%), batata inglesa da variedade Agatha (84%), devido à chuva na região produtora, dificultando sua retirada do campo", disse Guastalli.

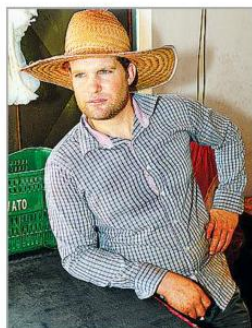
Em relação às hortaliças, Guastalli está mais otimista. "Já começamos a observar algumas baixas



Ana Paula contou que fica ligada nas ofertas de supermercados e varejões e corre atrás; compra só o necessário



Para quem gosta de maçã, o quilo chega a R\$ 5,79, em oferta



Diego Salvato prevê a normalização da produção em cinco semanas

ou estabilidade nos preços, e acreditamos que em 20 dias, aproximadamente, já comece apresentar uma maior oferta dos produtos", disse.

Flávio Pereira, chefe da seção de

hortifrutis de um supermercado da Vila, também vê a melhora nos preços, após o início das chuvas, para daqui 20 dias. Por enquanto, a dona de casa deverá escolher os produtos com muito cui-

dado porque, além de não estarem bonitos, eles também perdem a qualidade, com folhas queimadas e duras. Enquanto isso, fica a dica de Pereira. "A alface crespa é uma das que mais sofrem com o sol forte, já que tem a folhagem aberta. A lisa, por exemplo, sofre menos", conta. Outra conselho de Pereira às donas de casa é para que comprem a quantidade necessária para consumir naquele dia, lave tudo e acondicione em sacos plásticos na geladeira.

CEPEA

Segundo informações do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), a oferta de alfaces deve continuar limitada durante o mês de março no Estado, e os preços altos. O clima seco e quente provocou perdas de até 30% nas roças.

O produtor Diego Salvato, que tem uma horta na Chácara Nazareth, prevê a normalização da produção para daqui a cinco semanas. O preço da alface na horta dele se mantém também nos R\$ 3. "Da colheita que vou começar vou perder 80%", lamenta ele, que planta todas as segundas-feiras e gasta em torno de R\$ 500 só em mudas. A falta de chuva agravou também uma doença que acomete as hortaliças e comprometeu a produção da família Salvato: a virose conhecida popularmente como vira-cabeça necrosa e reduz o tamanho das folhas e diminui a produção.

Mesmo diante das dificuldades, Salvato e a mãe, Maria de Lourdes, não têm do que reclamar: a freguesia fiel, que confia nos seus produtos, não deixou de consumi-

SUBSTITUIÇÃO

Ana Paula Rabelo Montedo encontrou uma maneira de driblar os altos preços. Ela só compra a quantidade extremamente necessária para consumo imediato, fica ligada nas ofertas de supermercados e varejões e corre atrás. "Compro mais tomate, cebola, alface e percebi o aumento, principalmente, no tomate. Está tudo bem mais caro", afirma.

Na casa da enfermeira Maíra Augusta da Silva o consumo de hortifrutis diminuiu. Maíra conta que ela e o marido costumam ter uma alimentação saudável, mas que está comprometida pelos altos preços. "Costumo comprar os produtos de época, que são mais baratos. Mas dessa forma a variedade de alimentos é bem menor", conta. "A gente paga caro e a qualidade ainda não é boa", observa ela.